



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL *Antonio Alves Pereira*

Propriedade do Grupo (*Aurora Social*)

EDITOR—*Maciel Barbosa*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez . . . . . \$05 (50 reis)  
Semestre . . . . . \$30 (300 reis)  
Um ano . . . . . \$60 (600 reis)

Para fora do país acresce o importe do selo.  
Numero avulso \$01 (10 reis)

## A NOSSA POLITICA ESTRANGEIRA

Estrictamente falando, não podemos ter uma politica estrangeira, pois estamos e queremos estar fóra da actual repartição do mundo em Estados rivais e contra ela.

Para nós não há estrangeiros. Queremos que todos os homens, seja qual fór o seu lugar natal, qualquer que seja o tronco étnico de que derivam, seja qual fór a lingua que falem, se considerem como irmãos e se agrupem livremente e cooperem juntos no maior bem-estar, na maior liberdade, na máxima civilização de todos.

E pois que esta fraternidade universal, esta harmonização de todos os interesses, de todas as aspirações numa vasta unidade (a do género humano) que respeite e favoreça o livre desenvolvimento de todas as variedades, a plena autonomia de todos os individuos e de todos os grupos, são ainda um ideal em contraste com a dura realidade de hoje; pois que os homens estão ainda divididos em oprimidos e opressores, e uns vivem explorando o trabalho dos outros, e os trabalhadores sustentam o peso de todos os encargos sociais e são coartados no seu desenvolvimento material e moral e amidade reduzidos á mais esquelética e embrutecedora miséria—nós somos, seja qual fór o nosso país de origem, os oprimidos, pelos oprimidos contra os opressores, pelos trabalhadores contra os parasitas, sem consideração alguma dos vários agrupamentos políticos, em que as alternativas históricas e os interesses e ambições dos senhores, favorecidos embora por especiais condições naturais, dividiram a humanidade.

Se de estrangeiros queremos falar, então para nós o estrangeiro não é o que nasceu além duma fronteira e fala uma lingua diversa, ou tem a pele de cor diferente: o estrangeiro, o inimigo é o opressor, é o explorador,

é todo aquele que, em qualquer país, submete a si outro homem.

—Mas nós, apesar do nosso cosmopolitismo, temos que viver no Estado em que nos achamos e sujeitar-nos ao seu regime político. Podemos sentir-nos idealmente solidários tanto com o trabalhador dum país distante, como com o que labuta ao nosso lado, podemos odiar os governos estrangeiros tanto como o governo nacional; mas na prática é com os vizinhos que a solidariedade ou a luta são mais vivas, mais sentidas, mais eficazes.

Assim nos dizem alguns que, não podendo fazer de nós patriotas e nacionalistas com os argumentos ordinários baseados em ódios criminosos e estúpidas vaidades, julgam poder apelar para os nossos instintos de combatividade e fazer-nos aceitar as mais reaccionárias teorias sob a máscara de revolucionarismo. E nós aceitamos a sua tese. Apesar das nossas ideias, somos por força cidadãos italianos, quer dizer, súbditos do governo de Itália; e portanto este governo oprime-nos e fere-nos mais do que no lo possa fazer, por exemplo, o governo do Japão, e nós por nossa vez podemos fazer contra o governo da Itália o que não teríamos meios de fazer contra o governo dum país longínquo. Portanto a conclusão é que, para um anarquista, o primeiro inimigo é o opressor que lhe está mais próximo e contra o qual com maior efficácia pode lutar.

Para um anarquista italiano, e em geral para todos os trabalhadores italianos que aspiram á sua emancipação e á dos seus companheiros, convém sobretudo combater o governo da Itália e os patrões italianos, isto é, os que se dizem nossos compatriotas e pretendem, em nome da nação e da pátria, impor-nos a dócil aceitação do seu domínio. E' esta a conclusão á que queriam chegar? Se é, estamos de acôrdo.

ERRICO MALATESTA

## Em caso de guerra

### e de invasão

Creio conhecer muitos meios de opposição á guerra e á invasão, os quais estão muito longe do «deixai passar, deixai fazer» e são, a meu ver, a emanação natural dos nossos princípios anarquistas. Aceito e aplaudo que jovens e velhos—e até mulheres e crianças—agarrarem numa faca ou num machado, ou melhor numa bomba, podendo ser, para se defender dos que assaltam os lares, matam campónios indefesos, violam mulheres, assolam os campos, e não só na Bélgica, mas na Prússia Oriental, e na Gallia, e na Polónia, e onde quer que as botas dum soldado atropem um ser humano. Aceito e aplaudo as greves de ferroviários feitas no intuito de obstar ao transporte de tropas e munições. Quisera ver as mulheres, não convertidas em enfermeiras, mas em heroínas, não deixando que lhes arranquem os filhos, os maridos, os irmãos.

Não, eu nunca disse nem pensei que ante esta mundial tragédia deveríamos cruzar os braços. Sustentei e sustento que devíamos tratar de impedir a guerra cumprindo o que tínhamos prometido, sem alegar sabermos que os demais não nos seguiriam. Os movimentos revolucionários começam com pouco, estendem-se depois e chegam a ser poderosíssimos.

O exemplo dado em Paris poderia ter repercutido em Berlim e Viena. Os comunistas em 71 não tiveram em conta que os prussianos rodeavam as muralhas de Paris, e mesmo vencidos e trucidados por seus compatriotas, conseguiram ao menos dar um bellissimo exemplo ao mundo e até fazer com que acabasse a guerra.

E se o indicado e muito mais que não há necessidade de por menorizar não podiam realizar-se, por não estar o povo disposto a secundar tal movimento, devíamos ficar no nosso pósto, mostrando as bestialidades da guerra e aproveitando todos os ensejos para prejudicar as classes dirigentes e favorecer as exploradas, sem fazer distincções entre franceses e alemães; que os belgas, se chegam a internar-se na Alemanha, não serão melhores do que o foram os alemães na Bélgica.

E' a guerra o que torna bárbaros os homens, não só contra o suposto inimigo, mas contra os próprios compatriotas.

Se, para tomar umas trincheiras, necessário se torna arrasar a cidade em que moram as famílias dos soldados assaltantes, o general dará a ordem sem remorso algum.

E enquanto os soldados e o povo em geral, muitos anos depois da guerra, continuarão odiando raivosamente os do outro campo, os magnates, amicusimos, gozarão as rendas e as

honras da guerra, que só terá servido para alargar a existência ao regime burguês, se os «revolucionários» não souberem outra coisa senão lutar sob as ordens dos seus inimigos e ao lado de cretinos.

P. ESTEVE.

(*Tierra y Libertad*, 3 de Fevereiro).

## A luta económica

De *La Bataille Syndicaliste*:

No *Corriere Della Sera*, Luigi Einaudi, professor da Universidade de Turim, publica interessantes «Crónicas económicas da guerra». O sr. Jacques Mesnil, que as comenta no *Mercur de France*, escreve a propósito delas: «E' impossível compreender uma guerra como esta, se não se tomam em conta os factores económicos que representaram um papel enorme nas origens do conflito e que não tem importância menos considerável na própria luta. Quem só lê narrativas das linhas de fogo, só conhece episódios do conflito. Os nossos jornais que dizem tudo dão uma ideia bem falsa e bem incompleta da guerra ao público francês, que tem felizmente outras fontes de informação além dos impressos e cujo bom senso suprime muitas vezes a insuflencia do saber.»

Sabe-se que o anil encareceu, na Inglaterra, em consequência da ruptura das relações com a Alemanha, a única que o fabricava por síntese química. Uma sociedade inglesa decidiu fabricar esse colorante pelo mesmo processo e pediu aos industriais compradores desse produto que se compromettessem a comprar-lho durante pelo menos cinco anos. Gente prática, os industriais ingleses recusaram, tendo os melhores motivos para supor que, finda a guerra, a Sociedade não poderia fornecer produtos de valor igual por preços tão baixos como os alemães.

Com razão, Luigi Einaudi, escreve:

«Pouco a pouco se propaga a ideia de que é quase impossível para um beligerante tirar uma vantagem económica da desgraça dos outros. O único meio eficaz para vencer os outros países, na luta económica, parece ser a diffusão da instrução técnica. Quando se formarem na Inglaterra os físicos e químicos que fazem a reputação da Alemanha moderna, será facilissimo encontrar, não só dois, mas até dez milhões de libras esterlinas para estabelecer fábricas de cores, e isso sem empréstimo governamental nem garantia de consumo.»

E é logicamente que o sr. Jacques Mesnil pode escrever: «Os factos concorrem diariamente para destruir a «grande illusão» da utilidade da guerra. Conquistam-se os mercados levando para lá produtos melhores ou menos caros do que os dos concorrentes, e nunca tentando dar cabo destes.»

## O 5. aniversario d'A Aurora,

A todos os camaradas que nos enviaram as suas felicitações pela passagem desta data gloriosa, aqui deixamos consignado o nosso profundo reconhecimento. Igualmente agradecemos á Associação dos Alfaiates da Povoia de Varzim, o penhorante officio que nos remeteu.

A redacção

## Pela Internacional

Foi preciso que uma catástrofe sanguinolenta enlutasse o mundo para que os trabalhadores compreendessem a necessidade da reorganização da *Internacional*, instituição esta que apavorou, outr'ora, pela sua grandiosidade, a burguesia de toda a Europa e os Estados das diferentes nações.

Só quem conhece a história desse organismo e o papel proeminente que elle desempenhou no progresso do movimento operário de então, poderá fazer ideia sobre a acção que elle desempenharia, se existisse, no momento em que os Estados lançaram os povos á horrivel carnificina que ora presenciamos e que não sabemos ainda quando e como acabará. Todos os trabalhadores conscientes reconheciam a urgente necessidade da fundação dum organismo importante onde os obreiros das diferentes nacionalidades estivessem representados, intelligenciados e unidos para, na ocasião precisa, impedirem, com a colossal força de que dispõem, qualquer tentativa belicosa esboçada pelo governo de qualquer país. Todos reconheciam essa necessidade e no entanto, não sei se devido a dificuldades surgidas, se a desistência remota, originadas por diferença de tática e finalidade ideológica,—nunca se pôde converter em facto aquilo que se impunha como necessidade imprescindível. Assim, chegamos a este estado de coisas que nos surpreendeu sobremaneira mas com as quais nos fomos familiarizando, e disso é prova o nosso indiferentismo em face da vida atribulada que pacientemente sopurtamos sem que patentiemos bem altivamente o nosso protesto de homens com direito a viver senão confortavelmente pelo menos em condições rasoáveis.

A guerra, trouxe-nos, mais uma vez, a convicção edificante de que só o capitalismo industrial, comercial e financeiro «ufere fabulosos proventos explorando a situação de anormalidade que aparentemente se reflete na vida económica das nações, sem atenção alguma para a miséria que assola as classes operárias e que, num crescente desenvolvimento, tende a generalisar-se em regime de fome ou seja a morte lenta, o estiolamento moral e fisico de toda a energia productiva.

Vemos pois, quanto foi nociva e criminosa a inactividade em que permanecemos ao vêr os países despenhar-se na tórva sangueira da presente hecatombe, que aliás vinha sendo desde ha muito preparada, e isso deve servir-nos de lição e de incitamento para nos ajudar a construir o travão que, para futuro, sofrerá os desejos dos politicos e dos armeiros internacionais.

A *Internacional*, reorganizada em abril do corrente ano, veiu suprir a falta que se fazia sentir no seio da organização operária. Ela será o antidoto que combaterá o veneno ejaculado pelas chancelarias na paz dos povos, na fraternal solidariedade que mutuamente se dispensam. Porém, o objectivo principal que a impulsionará é simplesmente o de conduzir a sociedade á perfeita harmonia das coisas, á regularização do trabalho e, finalmente, ao equilibrio dos povos, segundo as suas aspirações e necessidades. E, se reconhecemos que o que ora se está desenrolando á vista imperturbavel das multidões é resultante, em parte, da pusillanidade que nos tem dominado, não nos deixando actuar eficaz e decididamente em casos que, como este de guerra,

requeriam a nossa intervenção imperativa, temos que convir que a continuarmos indiferentes, de braços crusados será, senão a nossa morte, pelo menos a prova mais concludente da nossa mesquinhez moral.

Os delegados que ao congresso de Ferrol foram discutir e afirmar que o internacionalismo não talia, olharam a questão pelo seu verdadeiro aspecto e congregaram-se para a solucionar em proveito da humanidade sofredora. De futuro, tem os trabalhadores a sua organização internacional que lhes permitirá com mais facilidade manter uma reciproca solidariedade de principios e necessariamente, de factos tambem. A lacuna está suprida.

Resta sómente amparar a nova instituição, dar-lhe vida próspera e fecunda, alimenta-la com toda a energia para que ela possa provar-nos o seu valor e desempenhar eficazmente o seu papel. Os dirigentes do movimento operário devem prestar-lhe o seu incondicional concurso, fundindo os resentimentos existentes e trabalhando todos para o seu progresso, em volta da mesma bandeira, caminhando para o mesmo fim, ou seja a Emancipação dos Trabalhadores, que o seu grito de guerra, forte e retumbante, seja:

J. SALGADO.

## E ESTA?

Em França, as «vítimas directas da guerra» fundaram uma vasta associação, com o fim de trabalhar desde já para que o Estado as indemnice.

Quem são essas «vítimas directas»?

—Ora quem há-de ser! dirão os leitores. Os pobres, os operários, os combatentes e suas famílias.

Qual carapuçal Bem se vê que vocês ainda são dos bons, ó camaradinhos! Estão, não adivinham quem são as tais «vítimas directas»? Pois lá vai:

São os proprietários!

—Mas então as «vítimas indirectas» são os...?

Pois está visto! Lá o dizem eles: as vítimas indirectas são os contribuintes, os que só são atingidos no seu salário, os que pagam todas as contribuições directas ou indirectamente, por serem os únicos a produzir!

E não estão com meias medidas, nem arcais encoiradas. A «França deve á França»; a República, é «um regime de solidariedade e de igualdade» (esta é de primeira); o governo já reconheceu o direito á reparação, tendo instituído uma comissão de danos de guerra; etc.

E grande propaganda nos diários e em reuniões, numa das quais um orador afirmou que «as espingardas se disparariam por si só, se não fôsse consagrado o direito á reparação integral».

Depois da guerra para defender a «pátria deless», á insurreicção... para o mesmo fim. Lógico...

Até parece troça!

Ha mais luz nas 26 letras do alfabeto que em todas as constelações do firmamento.

G. JUNQUEIRO.